

Incendio do paço municipal de Lisboa, e do banco de Portugal

Ainda ha pouco démos a estampa da praça do Pelourinho [1], onde se erguia o edificio occupado pelo banco de Portugal, e já hoje temos de o reproduzir abrazado nas chammas que o devoraram na infausta noite de 19 do corrente, tal qual o desenhou o sr. Barbosa Lima, ao clarão das labaredas que illuminavam todo aquelle bairro da cidade.

O desenho foi tirado da praça do Commercio, quando o fogo abrazava o paço municipal, que fica ao occidente da praça, e faz angulo para a rua Aurea.

Antes de recontar os pormenores d'este pavoroso incendio, faremos a historia do edificio que elle devorou, com as suas dimensões, e a enumeração dos estabelecimentos que alli estavam alojados.

Tambem desejavamos dar noticia de todas as casas da camara, ou paços do concelho, que tem tido o municipio de Lisboa; mas em vão o tentámos, porque as memorias antigas são omissas a este respeito, e no archivo da camara pouco mais encontrámos do que anda impresso. Ainda assim, aqui está o que podémos averiguar.

Sendo os pelourinhos o symbolo da antiga jurisdicção municipal, era costume erigirem-se defronte dos paços do concelho, com poucas excepções, em todas as terras que tinham camara.

Os auctores que tem escripto a respeito da cidade de Lisboa fallam de tres pelourinhos.

O primeiro estava na praça em que desembocava a antiga rua Nova dos Ferros, a do Ver-o-Peso, a da Prataria e a de D. Gil Annes [1], no sitio que hoje é cortado pelas ruas da Prata, dos Algibebes e dos Capellistas, e pertencia á freguezia da Magdalena. A este diz Damião de Goes, em 1554, que se chamava já o pelourinho velho (*veteris pali vocatur*), porque se lhe tinha feito nova praça (naturalmente no tempo del-rei D. Manuel), no sitio em que haviam existido as tercenas navaes, ou arsenal, del-rei D. Fernando, e depois foi praça da Ribeira [2], onde se vendiam os generos que actualmente se mercam na praça da Figueira, e ainda hoje a camara municipal alli tem e aluga muitos logares de venda, além do edificio das Sete-Casas, que fez á sua custa.

«A mesma denominação de pelourinho velho dá a esta praça o auctor de uma curiosa estatistica de Lisboa, manuscripta, sem data, mas que do contexto se vê ser anterior a 1552.

Diz elle:

«Outrosim ha no *pelourinho velho*, continuamente, dez homens com suas mesas a escrever cartas e petições ás pessoas que tem dello (d'isso) necessidade; e nunca estão vagos; e entre elles ha homens que ganham para casar filhos e filhas, e para comprar propriedades; e ganha cada um por dia 2:000 réis, que são 5 cruzados, e por anno mil e quinhentos cruzados».

Ora estando n'essas praças o pelourinho, parece que ahi deviam ser os paços do concelho. Não ha porém memoria de tal.

[1] Num. 17 d'este vol.

[1] Vid. o artigo a pag. 129 d'este vol.
[2] Vid. o cit. artigo.

Acaso el-rei D. Fernando quando murou a cidade em 1373, daria á camara as tercenas navaes para os paços do concelho, levantando-se ahi então o pelourinho?

Corrobora esta conjectura possuir o municipio n'aquelle sitio, desde então até hoje, muitas propriedades e fóros.

Os chronistas de D. João I, e nomeadamente Duarte Nunes de Leão, dizem que este rei, n'um conselho que fizera, onde tambem se achava o doutor João das Regras, «propozera muitas razões para gratificar os serviços da cidade de Lisboa. E já que de todo não podia ser, em parte do que lhe merecia, e para memoria de sua lealdade, até que lhe podesse fazer mais mercês, *lhe quitou para sempre, que não pagasse relégo, jugada de pão e vinho, mordomado, anadaria, çougagem, mealharia, lombos, alcavalla;* e lhe fez mercê dos *Paços* em que taes direitos se pagavam».

Não occultâmos que então se dava o nome de *paço* a qualquer estação publica, por menor que fosse. Mas póde ser que por occasião do cerco posto a esta capital por el-rei de Castella, a camara tivesse de largar as tercenas ou arsenal que lhe dera el-rei D. Fernando, por serem necessarias para os aprestos de guerra; e D. João I, vendo que a cidade estava sem paços para a vereação, lhe désse os taes em que se cobraram as imposições abolidas.

Até aqui tudo são conjecturas. Agora porém temos documento para provar a primeira fundação de paços do municipio de Lisboa, por modo authentico.

São duas cartas del-rei D. Manuel, que se conservam no archivo municipal (liv. II e IV do dito rei [1]), que por occasião de mandar edificar a egreja de Santo Antonio no sitio onde nascêra o santo, junto á sé, por disposição testamentaria del-rei D. João II, ordenou que alli se fizesse casa para a camara, recommendando, que *além de grande fosse de abobada.*

Desde esse tempo foi alli o paço municipal, até que em 1753 foi mudado, recebendo o marquez de Alegrete, então presidente do senado, avisos de Sebastião José de Carvalho e Mello, depois marquez de Pombal, *para que despejasse* a casa, sem dar o motivo, nem tão pouco dizer para onde ia o senado!

Foi tambem este um ponto que não conseguimos averiguar, nem por documento nem por tradição.

Registaremos aqui esses dois documentos, que se acham no archivo municipal (Liv. del-rei D. José fl. 44 e 56).

«S. M. é servido que as casas sitas sobre a egreja de Santo Antonio, em que *se tinham* as conferencias do Senado... sejam logo despejadas... e as chaves d'ellas remettidas a esta secretaria de estado. Paço a a 28 de julho de 1753. — *Sebastião José de Carvalho e Mello.* — Sr. marquez de Alegrete.

«S. M. é servido que v. exc. mande despejar a casa que servia de secretaria do senado, que fica por cima da egreja de Santo Antonio; e a outra casa que servia das conferencias; mandando entregar as chaves d'ellas ao architecto Caetano Thomaz. Deus guarde a V. E. Paço 23 de julho de 1753». (Tem a mesma assignatura e direcção).

Ora a camara não havia de entregar ao governo os seus paços, que eram proprios, por lh'os ter mandado fazer el-rei D. Manuel, sem se lhe dar outra casa em compensação.

Qual foi ella? Não consta.

Sabemos porém, que n'esse tempo se estava edificando um sumptuoso palacio para a camara, então senado. E sabemol-o pelo que refere o escrivão do tombo da mesma camara, Joaquim José Moreira de Mendonça, o qual na «Historia Universal dos Terremotos» que publicou em 1758, especificando os estragos que havia causado o terremoto de 1755, de que fôra testimunha ocular, diz a pag. 133:

«Os palacios arruinados com maior estrago, foram:... o do *senado da camara* e tribunal dos depositos, *que se andava acabando;* obra magnifica, e muito digna do nosso monarcha fidelissimo (el-rei D. José), *que o mandou erigir;* dos tribunaes para que se destinava; do architecto que a havia delineado, e *da praça* que ennobrecia; no qual palacio havia nobilissimas salas para as conferencias dos ditos tribunaes, formosas casas para as suas secretarias, contos do senado, chancellaria da cidade, e sala das audiencias.»

Estaria já este palacio em estado de receber a principal corporação para que era destinado, e por isso o omnipotente ministro de D. José lhe mandava *despejar* a antiga casa que el-rei D. Manuel edificára em Santo Antonio da Sé para os paços do conselho?

Parece que sim, embora haja o espaço de anno e meio entre junho de 1753 e novembro de 1755, mez em que Mendonça diz se *estava acabando* o palacio; mas já com as grandiosas accommodações que elle descreve, como quem as conhecia bem, visto ser empregado da camara.

Occorre porém uma objecção. Se o senado tinha saído em 1753 da casa de Santo Antonio para o novo paço municipal, devêra ter levado o archivo, que era o mais precioso que tinha, e tem. Mas o contrario se deprehende do que o mesmo Moreira diz, poucas paginas antes da já citada do seu livro, por estas palavras:

«Saí (quando sentiu o terremoto) de casa para o campo de Santa Barbara (morava alli):... mas o temor do fogo do Castello fez fugir d'aquelle campo as muitas mil pessoas que alli exhortavam alguns padres. Eu porém, com o cuidado no cartorio do Tombo da camara d'esta cidade, que está a meu cargo, e muito estimavel por conter os titulos de mais de 1600 propriedades, me não afastei da frente das casas, para poder salvar este cartorio quando fosse necessario. Alli, acompanhado de poucas pessoas, passei os primeiros dias, sem ver mais que estragos e horrores, etc. As minhas casas ficaram sem ruina consideravel.

Custa a crer que tendo a camara casas de abobadas em Santo Antonio, como ordenára el-rei D. Manuel, deixasse estar em casa do escrivão do tombo uma parte tão importante do seu archivo. Não parece mais verosimil que isto fosse resultado do peremptorio despejo dos paços de Santo Antonio da Sé, antes de estar concluido o novo palacio?

E que praça era aquella que Mendonça dizia ser *digna* de tão nobre edificio? Sería o antigo terreiro do Paço? Não o declara, com quanto seja o melhor historiador do terremoto de 1755.

Depois d'esta catastrophe, e quando se fez o plano para a nova edificação da cidade, é que se demarcou a praça para o actual pelourinho, e em frente d'elle, para léste, se destinou para o paço municipal o quadrilongo que d'alli corria entre as projectadas ruas do Arsenal e Nova d'El-Rei, até entestar com a rua Aurea.

Ao architecto encarregado da reedificação da cidade, Eugenio dos Santos Carvalho, confiou o senado o risco e construcção dos seus paços. A fachada que olha para o pelourinho devia ser a da entrada; mas, como no angulo da nova praça do Commercio, voltando para a rua Aurea, devia a camara conformar-se com o prospecto d'aquella praça, fez alli uma arcada, com portão de ferro e escadaria de pedra, como a das secretarias, tendo por cima grandes janellas de sacada, eguaes ás que rodeiam a praça.

Agradou acaso aos vereadores, ou talvez aos desembargadores do senado, esta face do novo edificio, e tomaram-n'a para si, privando-se da entrada do largo do Pelourinho, muito mais nobre, e com um excellente

[1] Deve-se este achado ao sr. dr. Levy, quando foi vereador, e publicou a *Historia da real casa de S. Antonio.*

pateo para entrarem as carruagens; dando-o á junta do deposito publico, á da fazenda do senado, e a outras repartições que alternadamente alli se estabeleceram até á creação do banco de Lisboa em 1822, que lá tem existido até agora. N'este mesmo lado do edificio esteve a secretaria da fazenda, a junta dos juros dos reaes emprestimos, a repartição do sello, etc.

Foi construido em quatro annos, desde 1770 a 1744, e importou em 121:099$271 réis. As paredes da sala das sessões da camara eram revestidas de pannos de Arraz, representando varias acções da vida do imperador Constantino. Eram dos melhores que se conheciam, e haviam custado 16:000 cruzados.

Quando, em 1795, ardeu o palacio da Ajuda, feito de madeira e tabique, para n'elle se accommodar a familia real, que perdêra os paços da Ribeira, derribados pelo terremoto, a rainha D. Maria I e seus filhos vieram habitar no paço municipal, e na ala da praça do Commercio que fica entre as ruas Aurea e Augusta, communicando-se os dois edificios, durante esse tempo, por um passadiço, que só foi d'alli tirado nos principios d'este seculo.

Durante a residencia da real familia nos paços do concelho, onde fazia a camara as suas sessões? Tambem se ignora!

Eis o que por em quanto conseguimos averiguar.

Agora que já conhecemos o grande edificio que a nossa estampa representa em chammas, digamos como succedeu este desastre.

Pelas nove horas e meia da noite de 19 de novembro começou a sair muito fumo negro e espesso das janellas da contadoria da camara, que são as duas do segundo pavimento que deitam para a rua do Arsenal, e na estampa mostram mais intensas labaredas. Tocou logo a fogo, vieram os soccorros, e de prompto appareceu o mui perito e intrepido engenheiro inspector dos incendios, Joaquim Julio Pereira de Carvalho. As chaves do portão da camara tardaram; e quando o inspector subiu ao ultimo pavimento, já todas as casas estavam tão cheias de fumo que não consentiam luz, nem lá se podia respirar. Voltou elle a dispor os soccorros para combater o fogo pela parte de fóra. Postaram-se bombas nos pateos interiores, mas já a violencia do incendio resistia á pouca agua que ellas lhe lançavam.

Todos os sinos da cidade começaram então a tocar a rebate; e á voz de «fogo no Banco!» milhares de pessoas correram áquelle sitio, multiplicados piquetes de cavallaria e infanteria formaram cordão em volta do edificio, tratando-se de salvar os valores e papeis das diversas corporações que alli se achavam estabelecidas, e os haveres das familias que habitvam nos predios dos srs. duques de Palmella, baroneza da Folgoza e T. dos Santos Vahia, da parte da rua dos Capellistas, e na esquina da rua do Oiro o do sr. Figueiredo Loja; chão alienado pela camara n'outros tempos.

Houve um momento em que se suppoz dominado o fogo, ficando limitado ao corpo intermedio onde tinha começado, isto é, ao que ficava entre a parte occupada pelo banco e a arcada das salas de entrada e das sessões da camara; mas o fogo tinha passado pelo saguão e pelo pateo interior para o lado da rua dos Capellistas; e sobre tudo ia lavrando pelos sotãos ou aguas furtadas, onde achou a materia combustivel das pilhas de armações de lona e madeira, que tinham servido para os ornamentos da praça do Commercio nas occasiões das festas reaes feitas pela municipalidade. Por estes vãos junto ao telhado é que o incendio se propagou a todo o quarteirão. Foram pasmosos os esforços e actos de arrojo que se fizeram para cortar o fogo. Mas de balde! Pela uma hora da noite todo este grande predio vomitava chammas, e arrojava fagulhas a distancia incrivel, indo algumas até Buenos Ayres. O vento sueste soprava com furia, o que concorreu para excitar o incendio. Foram successivamente abatendo os telhados; centenares de linguas de fogo saíam pelas janellas; as labaredas encapellando-se e rugindo como ondas embravecidas, o crepitar das madeiras, os successivos desabamentos; a celeuma dos bombeiros e da gente que andava na faina, tudo isto compunha um quadro pavoroso e horrivel. Parecia a cratéra de um volcão, que ameaçava abrazar todos os edificios circunvisinhos.

Felizmente o incendio não saiu d'aquelle recinto. O piso terreo era de abobada; e ahi estava o mais precioso, que ficou intacto; a saber: o antiquissimo archivo municipal; as casas fortes do banco, que encerram valores para cima de 25.000:000$000 réis; e a do contrato do tabaco, que tinha muito numerario.

Medía este quanteirão 86^{m},46 metros de comprimento, 43^{m},12 de largura, e 16^{m},75 de altura.

Além dos paços do concelho e do banco de Portugal, estavam alli estabelecidos: o contrato do tabaco, a companhia de seguros Fidelidade, a das Lisirias, a dos Vapores do Tejo, e muitos escriptorios commerciaes.

Salvou-se toda a escripturação d'estas companhias, excepto alguns livros do antigo contrato do tabaco. Da contadoria e secretaria da camara arderam muitos papeis. Tambem se queimou a bandeira da cidade. Os prejuizos causados por este grande incendio orçam-se em mais de um milhão de cruzados.

Ignora-se a causa d'este desastroso incendio; e nem sequer se sabe ao certo onde começou. O governo mandou abrir um inquerito a este respeito, a que está procedendo o administrador do bairro do Rocio.

Da configuração do edificio para a praça do Pelourinho já démos estampa a pag. 129 d'este volume. O resto para a banda do terreiro do Paço mostra-o a gravura que acompanha o presente artigo.

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INEDITO)

ARRABALDES DE LISBOA

(Vid. pag. 275)

TELHEIRAS, NOSSA SENHORA DA LUZ, E CARNIDE

Do fim do passeio do Campo Grande partem duas estradas, uma pelo lado direito que vae ao Lumiar, Loures, etc. e a outra segue para a esquerda, e conduz a Telheiras, Nossa Senhora da Luz, e Carnide. Deixando a primeira para outra excursão, encaminharemos o leitor pela segunda.

Telheiras é uma pequena aldeia de trinta e tantos fogos, com umas cento e cincoenta almas, pertencente á freguezia de S. João Baptista do Lumiar. Tem muitas quintas, algumas com boas casas, mas nenhuma merece menção especial. Tiveram um convento em Telheiras os religiosos de S. Francisco, da provincia de Portugal, dedicado a Nossa Senhora das Portas do Ceo, cujo edificio se acha em bastante ruina. Foi fundado no anno de 1633 por um principe asiatico, chamado D. João, senhor de Candia, na ilha de Ceylão, d'onde veiu para Lisboa, e aqui falleceu em 1642, ao cabo de longa residencia. Na egreja d'este convento jaz o dito principe em tumulo de marmore.

O logar de Nossa Senhora da Luz fica proximo de Telheiras, em uma situação plana e agradavel, rodeado de casas de campo e quintas com jardins, pomares, e arvoredos silvestres. Tem um grande e formoso rocio ha pouco terraplenado e alindado com duas fileiras de arvores em torno, e por fóra d'ellas, pelos

quatro lados do campo, largas ruas macadamisadas para carruagens.

Dois lados d'este rocio são occupados com dois monumentos da piedade da infanta D. Maria, filha del-rei D. Manuel e da rainha D. Leonor, sua terceira mulher. Foram os edificios fundados por esta esclarecida princeza para convento dos freires da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo, e para hospital de pobres. Do primeiro, arruinado pelo terremoto de 1755, restam apenas a capella-mór e parte das paredes do corpo da egreja, da fundação primitiva, e o andar terreo do convento, da reedificação começada e deixada em meio pelos freires. A capella-mór é rica em marmores de côres bem lavrados. Tem sido conservada para o culto, e n'ella se faz todos os annos a festa de Nossa Senhora da Luz, a quem o templo foi consagrado. Está separada das ruinas do corpo da egreja por uma tosca parede, com uma porta e duas janellas, a qual tapa todo o arco cruzeiro. N'esta capella jaz a infanta fundadora. O corpo da egreja, que ainda conhecemos vestido de bellos marmores, primorosamente esculpidos nas paredes que o terremoto lhe deixou de pé, está hoje inteiramente nú. Ha pouco mais de 20 annos foi despojado das suas columnas e dos seus marmores, que vieram para a repartição das obras publicas, d'onde saíram depois, pela maior parte, para serem empregados, mutilados e desornados de seus lavores, em outras obras da cidade. Assim se perdeu um espécimen da architectura e da esculptura da segunda metade do seculo XVI, sem razão bastante que auctorisasse similhante vandalismo.

O outro monumento é o edificio do antigo hospital, agora occupado pelo collegio militar.

N'outro capitulo d'este roteiro démos uma breve noticia da fundação d'aquelle convento e d'este hospital, bem como da lenda de Nossa Senhora da Luz, que deu o nome ao templo e á povoação [1].

Junto á parede da capella-mór, da parte exterior, está a fonte onde appareceu a Senhora, segundo refere a lenda, a qual antigamente se chamava *fonte da Machada*. Fica mais baixa do que a rua, de sorte que é preciso descer alguns degraus para se chegar á dita fonte. Vêem-se ahi gravadas duas inscripções, que vamos transcrever, e dizem assim: *No anno de 1463, reinando em Portugal D. Affonso* v, *os visinhos de Carnide com devoção das revelações que Pero Miz, natural d'este logar, teve em seu captiveiro, d'onde saiu milagrosamente, fizeram uma capella de Nossa Senhora da Luz, edificada sobre esta fonte, e n'este logar, que, como determinado com a Divina Providencia para este santo effeito, se via d'antes muitas vezes claro e resplandecente com visão e lumes do ceo*; *como depois se viu resplandecer com grandes e innumeraveis milagres na terra.* — *E seguindo em tudo a ordem e revelação que a Virgem purissima inspirou ao Pero Miz lhe puzerão o nome de Luz, em guia e memoria, e louvor á Infanta D. Maria, filha del-rei D. Manoel, o primeiro d'este nome em Portugal, e Christianissimo. A Rainha D. Leonor, Infanta de Castella, mandou reedificar e levantar o templo de novo n'esta ordenação e grandeza no anno de* 1575.

Estas inscripções foram alli postas em tempos muito posteriores á fundação do convento, e tanto que o seu auctor commetteu na segunda grave anachronismo, attribuindo á rainha D. Leonor a reedificação do templo em 1575. D. Leonor enviuvou del-rei D. Manuel em 1521, partiu logo depois para Hespanha, e d'ahi para França, onde casou com el-rei Francisco I; ficou viuva d'este soberano em 1547, e morreu em Castella no anno de 1558. Sua filha a infanta D. Maria é que edificou a capella-mór da egreja, que se concluiu em 1575, dois annos antes da sua morte, e começou e deixou adiantada a construcção do hospital, que se acabou em 1618, tendo-lhe consignado rendimentos sufficientes para poder sustentar e tratar até 63 enfermos. O terremoto de 1755 causou bastante ruina a este edificio, da qual foi reparado passados annos. Tem uma grande capella com frontispicio no centro da fachada principal. O seu orago é Nossa Senhora dos Prazeres. Ultimamente fizeram-se importantes obras n'este edificio para accommodação do collegio militar. Tem contigua uma pequena cêrca.

No rocio de Nossa Senhora da Luz faz-se uma feira annual, que principia no dia 8 de setembro, em que se festeja a imagem d'aquella Senhora, e cuja origem é a mesma da festividade religiosa. Tambem n'este rocio se costumam fazer as exposições de gado.

Ha n'este sitio muitas quintas aprazíveis por seus arvoredos e jardins. A dos senhores condes de Sobral tem uma formosa cascata, assombrada por gigantescas e frondosas arvores.

O logar de *Carnide* conta perto de 300 fogos, e de 700 moradores, com uma egreja parochial da invocação de S. Lourenço. Está edificado em uma situação alegre, desafogada, e de bonitas vistas, e tem em volta de si muitas casas de campo e quintas com jardins. Dizem que esta povoação já existia sob o dominio dos moiros. Todavia, as noticias mais antigas que temos encontrado a seu respeito são dos seculos XIII e XIV. Ha n'este logar de Carnide um convento de freiras carmelitas descalças, consagrado a Santa Theresa, e notavel pela memoria de duas pessoas a quem deve a sua fundação e reedificação. Foi a fundadora a princeza Michaela Margarida, filha de Rodolfo II, imperador de Allemanha, que o edificou em 1642, e n'elle se recolheu, e está sepultada. Reedificou-o, ou antes, augmentou-o e enriqueceu-o a senhora D. Maria, filha bastarda del-rei D. João IV, que foi ahi educada desde o anno de 1649, sendo então de tenra edade. Viveu sempre recolhida n'este convento, sem professar, e n'elle falleceu em 1693. Jaz no côro de baixo. Dentro da clausura, pois, se fez a ceremonia do seu reconhecimento como filha d'aquelle soberano, na presença da familia real e da corte. Foi muito estimada e visitada por seu pae, el-rei D. João IV, e por seus irmãos os reis D. Affonso VI e D. Pedro II, e pelas rainhas D. Luiza de Gusmão, D. Maria Francisca de Saboya, e D. Maria Sofia de Neubourg. El-rei D. Pedro II encarregou-a da educação da senhora D. Luiza, filha illegitima do mesmo soberano, a qual foi reconhecida reinando já D. João V, que a deu em casamento ao duque de Cadaval D. Luiz, e por morte d'este, em segundas nupcias, a seu cunhado o duque D. Jaime.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Vid. pag. 358 do vol. V.

UMA AVENTURA DE CAPA E ESPADA

I

DE COMO NÃO É BOM ESCONDER-SE A GENTE POR TRAZ DAS ARVORES, PARA OUVIR AS CONFIDENCIAS DE UM RICHELIEU OCTOGENARIO.

Havia serenata no real paço de Queluz na bemdita noite de 24 de junho de 1772. Em quanto os fieis subditos de sua magestade festejavam o santo popular, saltando fogueiras e queimando alcachofras, el-rei D. José assistia, com toda a seriedade imposta pela etiqueta, a um d'esses festejos celebres, em que os illustres compositores David Perez e João Cordeiro da Silva desenvolviam todos os recursos do seu talento,

e que Pucci, Raff, Caffarelli e Geziello abrilhantavam com toda a magia das suas vozes magnificas.

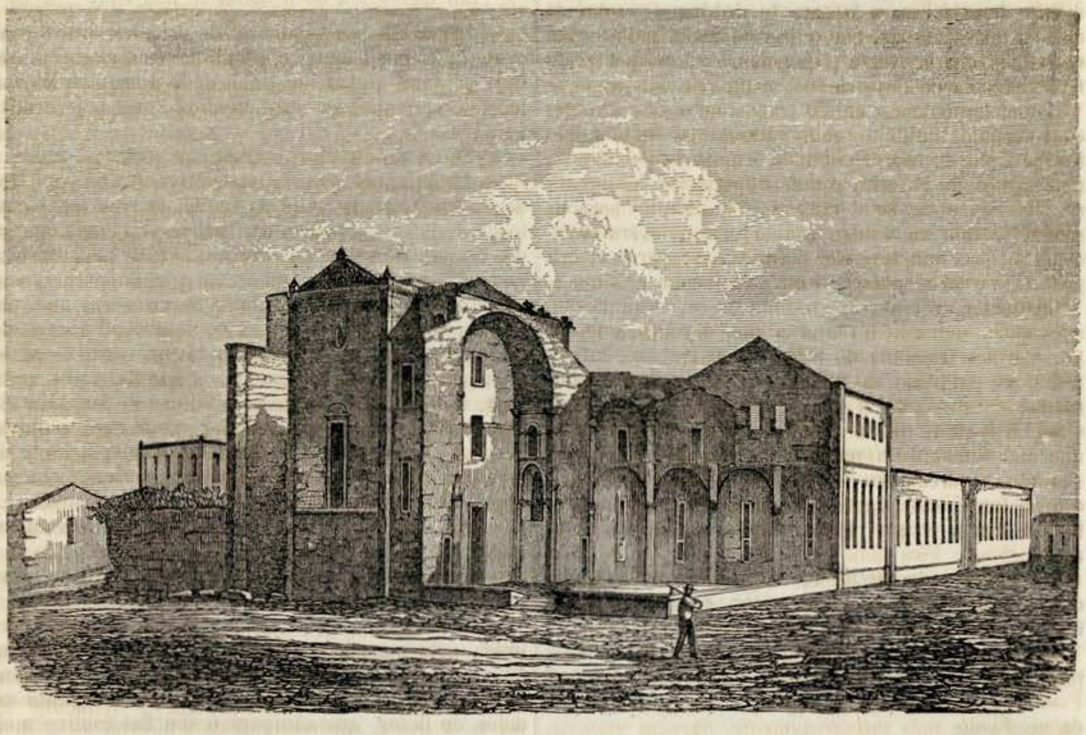
As luzes que resplandeciam na sala das serenatas, e que se multiplicavam ao infinito, mirando-se nos espelhos, e fulgindo nos moveis admiravelmente entalhados por Sylvestre de Faria, iam depois, coando-se pelas janellas, deslumbar a plebe, que mirava estupefacta aquelles esplendores reaes.

E os pobres saloios invejavam-n'os! Occulto debaixo da purpura regia como poderiam elles ver o cilicio da magestade! Como podiam elles saber, que essas luzes deslumbrantes illuminavam frontes pallidas e sorrisos hypocritas de cortezãos! E rir-se-hiam de certo se lhes fossem dizer, que havia mais alegria nas suas modinhas e descantes ao luar, do que nas sonatas e concertos que jorravam em torrentes de melodia nas opulentas salas do palacio real!

Pois não tinham razão para se rir, porque realmente era assim.

Se nós, deixando os saloios embasbacados diante das janellas do paço, não nos atrevendo a entrar na residencia predilecta do infante D. Pedro, irmão e genro del-rei, seguirmos a avenida de tilias que vae terminar na Ajuda, havemos de reparar forçosamente n'um vulto embuçado, que, encostando-se a uma das arvores, contempla o astro da noite com a melancolia tradicional em poetas e namorados. A capa, em que se embrulha, não disfarça completamente a elegancia das fórmas do moço fidalgo.

E digo moço, porque um raio indiscreto da lua me veiu denunciar as feições juvenis do seu contemplador; e fidalgo, porque ainda que o espadim, levantando airosamente a parte inferior da capa, m'o não revelasse, a brisa favoravel, que se levantou n'este



Ruinas da egreja de Nossa Senhora da Luz — Pag. 299

momento, e que lhe desviou as prégas do manto, m'o daria a conhecer, mostrando-me a riqueza e a elegancia da sua casaca de veludo preto.

Se não fosse a brisa e a lua, não sei que seria feito dos romancistas!

— Ai! noite de S. João! murmurava elle, deixando pender a cabeça, se o teu orvalho bento fez florir doces esperanças, bem depressa as desfolhou o tufão da adversidade! Ai! noite de S. João! faz hoje um anno, foste a noite das meigas promessas! és hoje a noite dos tristes desenganos! A luz das tuas fogueiras foi para mim a suavissima alvorada de um amor celestial! Mas após as promessas da aurora não rompeu o sol esplendido; vieram nuvens a occultar-lhe o brilho! Hoje nem já o echo longinquo dos descantes populares, ao som dos quaes balbuciei o hymno do meu affecto, nem já me chega aos ouvidos. É tudo silencio em roda! Apagaram-se as risonhas fogueiras, e fulge solitaria a lua no ceo, tocha funeraria do meu viver feliz! Ai! noite de S. João!

E uma lagrima deslisou pelas faces do mancebo.

— O teu orvalho santo dá viço e gala á pobre flor já murcha! Com o roseo clarão da tua madrugada assoma um timido azul nas folhas denegridas da alcachofra! Assim o teu magico influxo veiu azular as folhas negras das flores de minha alma, que uma desgraça precoce tinha crestado em botão! Durou poucos momentos! Mais tempo dura a alcachofra reverdecida.

E n'uma agitação vehemente desviou-se da arvore a que se encostava, embuçou-se na capa, e começou a andar com rapidez.

— Para que me esqueci eu do meu nome? D. Paulo de Lencastre, o ultimo dos Aveiros, póde pôr de parte a missão que o Eterno lhe confiou, para ir sentar-se á beira da estrada, e recostar a fronte no regaço de um anjo? A mão, que deve sempre apertar o cabo do punhal vingador, póde por acaso descair languidamente na mãosinha gentil de virgem seductora? Instantes o pensei, e, Samsão captivo nos braços de Dalila, não mais me recordei dos impios Philisteus! Lembraram-se elles, e eu, proscripto e errante, vagueio em torno do paço da corrupção, vigiando a pomba que o acaso foi collocar em ninho de milhafres, e espreitando a occasião em que poderei cravar o punhal impaciente no peito aborrecido do ministro sanguinario.

Se o senhor D. Paulo de Lencastre não fosse tão amigo de monologar, não estaria tanto tempo sem reparar em dois vultos, que, tendo saído do portão de ferro da quinta real, vinham na direcção opposta á que elle seguia; porém as tendencias scenicas do nosso amigo, impedindo-o de dar attenção ao que se passava em torno d'elle, fizeram com que só ao sentir já proxima a bulha do andar, levantasse a cabeça, e por um movimento instinctivo se desviasse da estrada, e se escondesse precipitadamente detraz de uma arvore, a qual, encruzando com outras duas os ramos cobertos de folhas, formava uma especie de caramanchão natural, que preservava perfeitamente quem n'elle se escondesse das vistas dos curiosos.

Mas porque se escondia D. Paulo? Foi o movimento instinctivo de quem tem razões para não ser visto, e que não reflecte que é mais perigoso dar a conhecer esse receio, do que apresentar-se com audacia a quem de certo não repara em nós. Em todo o caso bom foi para o parente do duque de Aveiro que as duas pessoas, que o fizeram fugir, viessem tão entretidas em conversar, que nem sequer repararam na existencia de terceira pessoa na estrada.

Completamente escondido pelos ramos das arvores, conchegando muito a capa, para que o vento a não fizesse fluctuar, não espreitando sequer para a estrada, mas desejando só que os dois importunos desapparecessem depressa, se deixou ficar D. Paulo, amaldiçoando o movimento irreflectido que o levára a esconder-se, e que lhe não permittia reapparecer, sob pena de se tornar suspeito ou pelo menos ridiculo.

Os dois entretanto approximavam-se, e ainda que elles tentassem não levantar a voz, o vento, que soprava traiçoeiramente do lado d'onde vinham, levava todas as palavras ao ouvido de D. Paulo de Lencastre.

— Eu logo vi que a nympha lhe não resistiria, senhor marquez, dizia uma voz aflautada, as Daphnis não tem rigores para Melibeus como v. exc. E qual é o pastor d'estes prados, que póde competir em galas e cortezia com o illustre marquez, meu senhor e amo?

— Nem sempre assim é, respondia a voz trémula de um velho; algumas inconstantes preferem estes peralvilhos de agora a homens de edade madura.

— De edade madura! De edade madura! tornava a primeira voz, quererá v. exc. alcunhar-se de ancião?

— Ancião, não digo! Mas já vão longe os verdores da mocidade.

— Tanto melhor, senhor marquez! Mais adestrado está nas guerras de Cupido. Se não é uma d'essas voluveis mariposas, que vão queimar-se em todas as luzes da corte, mais esperanças de constancia dá á nympha que escolher!

— Ah! Ah! Ah! tornava o marquez com um risinho de vaidade satisfeita; n'esse ponto sou incorrigivel meu caro Bernardo Domingues, as bellas ainda não conseguiram fixar-me, e só Magdalena talvez poderá prender o meu inconstante coração.

— Magdalena, murmurou Paulo, e prestou mais attentamente o ouvido.

— Ah! Ah! Ah! respondia o complacente Domingues. Cupido emprestou-lhe a aljava, e v. exc. faz uso frequente das suas settas!

— A constancia tambem tem os seus encantos.

— Pois não! a constancia é a primeira das virtudes de um terno pastor.

— Mas como ha de um simples mortal resistir aos olhos maganos das Deidades, que povoam o Olympo de Queluz?

— Não é possivel, senhor marquez, não é possivel, tornava lacrymosamente o bom do companheiro; n'esses casos a insconstancia é quasi um dever.

— Dever, não, necessidade!

— Exactamente; dever não é o termo proprio, necessidade, necessidade!

N'este momento chegavam os dois conversadores ao pé das arvores onde se abrigava D. Paulo de Lencastre. O marquez parou, e, fazendo parar tambem o seu companheiro, continuou:

— Eu te vou contar. Como tu sabes, não se passava dia em que a minha bella não recebesse um madrigal, que a tua musa punha ao serviço dos meus amores. Ramalhetes enviados todos os dias, o seu nome entalhado em todas as arvores da alameda onde costumava passeiar, o meu trajo adornado com as suas côres predilectas, estavam-lhe demonstrando sempre o meu ardente affecto. Em toda a parte via ella provas evidentes do meu amor.

— Sim, senhor marquez, percebo; como dizia Domingos dos Reis Quita, ha dois annos fallecido:

Tronco aqui não verás, nem branca areia,
Em que o teu doce nome se não leia.

— Deixa em paz os manes do cabelleireiro, tornou o marquez impaciente, e escuta-me com attenção. Até hoje nenhum signal me tinha dado a esquiva Magdalena de corresponder ao meu amor; mas hoje... ouve bem!

— Sou todo ouvidos, senhor marquez.

— Ainda agora na serenata conversava eu com José de Seabra, com D. Luiz da Cunha, e com o sapiente bispo de Beja D. Fr. Manuel do Cenaculo; mas, apesar dos encantos da sua conversação, não me podia ter que não olhasse ternamente, de vez em quando, para o grupo gentil das açafatas da rainha e da princeza, que, por traz das duas camareiras-móres, duqueza d'Abrantes e marqueza de Villa-flor, contemplavam curiosas os esplendores do paço de Queluz, aonde tão raras vezes vem. Mas oh sopresa! quem hei de eu divisar olhando para mim com meiguice e pudor, ainda meio esquiva, mas já quasi rendida? Ella, ella mesma, o idolo do meu coração, a Tircis por quem suspiro, a nympha por quem ardo, D. Magdalena de Vasconcellos em fim!

— Ah! murmurou Paulo ao ouvir este nome, apertando com força o punho do espadim.

— Era de esperar! senhor marquez! era de esperar, bradou com enthusiasmo o officioso poeta.

— N'este momento saíu da sala sua alteza real seguida pela marqueza de Villa-For, e pelas suas açafatas. Ao passar junto de mim outra vez, Magdalena deitou-me um d'esses olhares, que me lançaram cadeias de flores, que são para o seu fiel captivo mais seguras do que ferreos grilhões. Tão perturbado fiquei, que vindo ter commigo o distraído consul da Inglaterra, Mr. Hort, a conversação entre nós ambos tornou-se tão embaraçosa por causa das mutuas distracções, que saí receando excitar a veia satyrica do conde da Ponte, que andava em torno de nós mirando-nos com um sorriso malicioso.

— Quando o deus-menino de Cythera, tornou sentenciosamente o poeta Domingues, se apodéra do nosso pensamento, não consente na minima rivalidade.

— Tens razão. Mas agora é necessario audacia.

— *Audaces fortuna juvat*, acudiu o erudito interlocutor.

— O plano, que formei, é digno do duque de Richelieu. O sr. D. João v muitas vezes o costumava empregar, e sempre se deu bem com elle. Lembro-me perfeitamente que uma das suas aventuras amorosas, tinha eu os meus vinte e cinco annos, alli por 1715... quero dizer, acrescentou o pobre marquez, reparando na involuntaria certidão de baptismo, que ia dando, em 1715 não... talvez por 1745.

— Sim, de certo, disse o bom Domingues soccorrendo o marquez no seu embaraço, o sr. D. João v até á hora da morte foi sempre galanteador. Ora elle morreu em 1750.

— É isso! É isso! Mas em fim deixemo-nos de historias, vou-te contar o meu plano e as minhas idéas. As damas, fia-te em mim, meu caro Domingues, gostam principalmente de aventuras romanescas. A escada de seda, fluctuando pendurada da varanda, sorri sempre á sua imaginação; e o audaz galanteador que souber violental-as um pouco, tem sempre certa a victoria. Não ha nada de que ellas gostem tanto como é despertarem de um desmaio, um tanto voluntario, á vista do cavalheiro por quem em segredo suspiram.

— Já Ovidio o disse: *Gratus raptæ raptor.*

— Folgo muito de me encontrar com esse senhor. Hoje por conseguinte, á hora em que Morpheu visitar os habitantes do palacio, eu, protegido pela sombra nocturna, entrarei na quinta, e trepando por uma escada de seda ao quarto da minha nympha, que deixa ficar, já eu o consegui saber, a janella aberta para gozar a fresca viração das noites de junho...

Perdeu-se a voz na distancia, porque os dois já tinham continuado a andar, incidente que não mencionei, para não commetter a incivilidade de interromper o excellentissimo senhor marquez.

Do asylo, que escolhêra, saíu D. Paulo de Lencastre. O chapeo carregado sobre os olhos não esconde comtudo os raios da indignação que elles despedem. A testa franzida e a mão apertando convulsamente o punho do espadim, denunciam a lucta que lá vae por dentro. Treme-lhe a voz ao balbuciar estas palavras:

— Já vim tarde. Manchou as azas no lodoçal do mundo a candida pomba que eu tanto extremecia. Quantos punhados de oiro custaria a esse velho libertino o olhar com que ella lhe acariciou a tropega vaidade? É necessario salval-a, se ainda é tempo, ou vingar-me e vingar o seu nome profanado.

Com passo resoluto caminhou direito a Queluz. Não era já o proscripto cauteloso, era o vingador audaz.

Estava ainda aberto o portão da quinta. Entrou.

Largo tempo vagueou pelas alamedas desertas. Tinha acabado a serenata, e os cortezãos atravessavam em grupos animados as quadras de buxo, com cedros pyramidaes nos angulos, que cercavam o magnifico tanque do antigo jardim das abobadas.

Graças ao borborinho ninguem reparou n'elle.

Foi a pouco e pouco diminuindo o ruido. As luzes que scintillavam na esplendida fachada que deita para o jardim, foram-se extinguindo a pouco e pouco. Só alguma estrella perdida fulgiu finalmente n'uma ou n'outra janella. Só algum cortezão mais vagaroso cruzou as ruas, fazendo ranger a areia com os pés. Depois ficou tudo em trevas e em silencio.

Só se ouvia o ruido dos fios de agua caindo mansamente e de continuo na superficie prateada dos tanques. E a lua illuminou sósinha a quinta real com a mesma luz melancolica que fulgia na choupana do pobre e na loisa do cemiterio!

Saindo do jardim para a quinta, entrou D. Paulo de Lencastre na rua magestosa, onde campeiam as duas estatuas equestres da fama. Lá ao fundo a soberba cascata no meio do semicirculo, rodeiado pelos macissos de buxo, que as aguas dos dois lagos inundam, fazia scintillar á luz da lua as suas limpidas torrentes. Debruçado sobre o lago da cascata, a escutar tristemente esse melancolico ruido, por um grande espaço alli se demorou D. Paulo de Lencastre.

Mas a idéa, que alli o trouxera, depressa o despertou d'aquelle verdadeiro lethargo. Desviou-se da cascata, e dirigiu-se para o palacio.

Atravessando quasi ao acaso as ruas da quinta, foi parar ao taboleiro do jogo da bola, onde el-rei D. José costumava exercitar-se no seu jogo predilecto. Entre as copadas arvores, que o assombreiam, pareceu-lhe distinguir dois vultos; ouviu um ruido de vozes, e parou.

Nada havia que mais repugnasse á indole do nosso heroe do que andar escondido a espreitar e a perscrutar mysterios. Mas nas circumstancias em que se achava, coisa alguma lhe podia ser indifferente, e, movido por um secreto instincto, D. Paulo foi-se aproximando pé ante pé, desviando cautelosamente os ramos das arvores, até chegar ao sitio onde lhe parecêra distinguir os vultos.

Encoberto com o arvoredo, espreitando pelos interstícios da folhagem, conseguiu finalmente ver o que procurava.

Viu, e foi-lhe necessario empregar suprema força de vontade para não cair desmaiado no sitio onde se escondêra.

Uma formosa donzella, em cujas tranças de ebano brincava amorosamente um raio da lua, estendia a mão a um velho, que lh'a beijava com ternura.

Era Magdalena de Vasconcellos, a noiva de D. Paulo!

— Devo-lhe tudo, senhor marquez, dizia ella com uma voz melodiosa, como poderei eu pagar tantos e taes beneficios?

— Dividas d'essas, velho infame, trovejou D. Paulo, caindo como um raio sobre o marquez espantado, compete-me pagal-as com a ponta d'este punhal!

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

FERNÃO DE MAGALHÃES

(Vid. pag. 295)

VII

Com o tragico successo que poz fim á vida e ás acções gloriosas de Fernão de Magalhães, fica encerrada naturalmente esta noticia que de seus feitos e descobrimentos nos propozemos escrever.

O illustre capitão ficou sepultado na ilha de Matan; mas a peregrinação da sua frota não acabou n'aquelle ponto. Não pôde o valoroso portuguez concluir inteira a empreza que planeára, e, cingindo o globo com nunca vista navegação, voltar á Europa pelo cabo da Boa-Esperança. A gloria de Magalhães seguiu-se a gloria de um castelhano mais feliz, João Sebastião de Elcano, que, tomando a capitania da expedição, já reduzida a uma nau, depois de correr varia fortuna, pôde vir receber na sua patria as congratulações e o galardão pela grande empreza que tivera a gloria de acabar.

Morto Fernão de Magalhães, os que ficaram por governadores da expedição foram o hespanhol João Serrano, e o portuguez Duarte Barbosa. Succedeu então que, por malquerença de um escravo que fôra de Magalhães, se desaveiu o rei da terra com os castelhanos, e, attrahindo-os com falsas mostras de hospitalidade a um jantar que lhes tinha aprestado com grande cortezia, fez dar morte á falsa fé a vinte e quatro homens dos da frota, sendo o Serrano ferido e arrastado á praia, aonde, posto que supplicasse aos companheiros lhe acudissem n'aquelle trance, elles, com maior previsão do que humanidade, se fizeram de vela, havendo por melhor deixal-o acabar miseravelmente aos golpes d'aquella gente barbara, do que arriscarem-se de novo a terra tão fementida.

Para que não deixemos incompleta a historia d'esta grande e famosa navegação, que por industria e diligencia do Magalhães, principiára, e até á sua morte dera já tão valiosos resultados qual era o descobrimento de dois archipelagos, e um d'elles futura e rica possessão da coroa de Castella, digamos brevemente o que succedeu á expedição depois que foi partida de Zebú.

Chegados que foram á ilha de Bubol (uma das pe-

quenas ilhas do grupo central das Philippinas), e feito alardo da gente que levavam, acharam os da frota serem apenas cento e quinze, os quaes mal chegavam a presidiar duas caravellas. E porque iam os navios em mau estado, pelo trabalhoso da viagem, e por ser a *Concepcion* de todas os navios o que mais estragos padecêra, determinaram de queimal-a, para que os indios a não podessem aproveitar, e repartida a gente pelas duas que restavam, foram seguindo sua derrota em demanda do mar das Indias.

O nosso Gaspar Corrêa, ainda no contar a relação da expedição depois da morte do heroe portuguez, se afasta, em muitos pontos, da historia geralmente recebida, porque refere que os da armada elegeram para succeder ao Magalhães a um portuguez, a quem chama o Carvalhinho, e diz ter sido piloto da capitania; acrescentando que governára aquella navegação até ás Molucas, onde, adoecendo das grandes fadigas que alli teve, veiu depois a fallecer quando, concertada sua nau, estava a ponto de partir. Em Zebú, e não em Buhol, refere Gaspar Corrêa que fôra queimada a nau, cujo nome não memora. [1]

Saíndo das Philippinas, fizeram escala por Borneo. Tomando pilotos n'uma das ilhas d'aquelle archipelago, foram surgir nas Molucas, onde, feitos seus concertos com o rei de Tidore e outros principes d'aquellas ilhas, e carregadas as naus de especiaria, saíu a *Victoria* ao mando de Sebastião de Elcano, levando apenas cincoenta e nove pessoas de sua tripulação. Depois de correr varia fortuna, deu fundo a nau *Victoria* na ilha de S. Thiago de Cabo Verde, aos 7 de julho de 1522, e, depois de uma grave contestação que tiveram os castelhanos com os portuguezes, seguiu a nau para Hespanha, e entrou em S. Lucar a 7 de setembro do mesmo anno, trazendo apenas dezoito homens [1], porque, dos restantes, uns tinham perecido de suas enfermidades, alguns haviam padecido pena capital por seus delictos, e outros ficaram em Cabo Verde em poder dos portuguezes.

Sebastião de Elcano, mais ditoso do que o valente e engenhoso portuguez, recebeu de Carlos v o galardão da alta façanha, e por divisa de seu brazão o moto que haveria de honrar o escudo de Magalhães, se a fortuna, sempre invejosa dos grandes homens,



Collegio Militar — Pag. 300

lhe não colhesse as velas quando mais parecia haver-lh'as enfunado. Dizia a letra, alludindo á esphera que servia de cimeira ao brazão do castelhano: *Primus circumdedisti me*. (Tu foste o que primeiro me circundou). Com o que veiu a colher Elcano os fructos de uma empreza, cuja gloria principal ha de ser sempre tambem a do illustre portuguez.

(Continua) J. M. Latino Coelho.

Em presença do papa Clemente VIII se lastimavam alguns de varias perdas e infortunios que lhes tinham proximamente acontecido. Dizia um que perdêra a novidade dos seus campos: dizia outro que se lhe perdêra no mar uma boa encommenda: acudia outro que já perdêra o valimento com tal personagem, etc.

O papa vendo que n'isto gastavam muito tempo, os atalhou dizendo:

Nada d'isso importe muito: a perda que é para sentir, é da coissa que se não póde recuperar, *que é o tempo*.

P. Manuel Bernardes.

Como o animo queixoso desafoga pelas palavras, a alma affligida pelas lagrimas se allivia; e ás vezes se escôa de sorte que se despeja da dor; porque o sentimento que muito se chora não é o que muito dura. O ceo nol-o mostra; porque as tempestades de muita agua não são as mais perigosas; as sem agua trazem logo comsigo raios e terremotos.

D. Francisco Manuel.

[1] Gaspar Corrêa — *Lend. da Ind.*, t. II, part. II, pag. 631 e 633.

[1] Gaspar Corrêa diz que foram apenas treze os homens que voltaram da expedição. *Lend. da Ind.*, t. II, part. II, pag. 634.